

TEXTO 01

O que é economia do cuidado?

“[...] o cuidado é um direito das pessoas em todos seus ciclos de vida. Cuidado não é só cuidar de uma criança ou pessoa doente, se refere também à reprodução diária da existência, aos variados cuidados necessários para cada um de nós [...] O acesso a esse direito é desigual, as mulheres são as provedoras principais na ausência da ação pública, compromete o tempo e a vida de uma mulher e sua renda” (Laís Abramo)

Iniciamos este curso com um trecho da fala da atual **Secretária Nacional de Cuidados e Família**, a socióloga, Laís Wendel Abramo, isto porque nos pareceu a melhor forma de explicar, se não a importância, que nos parece óbvia, mas a necessidade de nos apropriarmos desta reflexão.

A Secretaria Nacional de Cuidados e Família foi criada na nova configuração do **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome**, antigo “MDS”, e em alguma medida nos revela, ou nos induz à expectativa, de novas abordagens na forma de construção e condução das políticas públicas relacionadas ao campo da proteção social e garantia de acesso a direitos, e é sobre isto, para além da reflexão mais teórica, política e conceitual sobre o cuidado e economia do cuidado, que queremos começar a tratar neste primeiro texto.

Laís Abramo é mestre e doutora em sociologia pelo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), especialista em temas relativos à *desigualdade, políticas sociais e o mundo do trabalho*, é um nome importante nas reflexões sobre pobreza e desigualdade, cuidados e proteção social, mercado de trabalho, gênero, raça e juventude, sindicalismo e trabalho decente no Brasil e na América Latina. Neste sentido, nos parece que o destaque para família no nome do Ministério e a criação de uma secretaria específica tendo à frente uma pessoa com a trajetória e atuação de Laís Abramo nos abre possibilidades bastante interessantes para a reflexão e é sobre estas possibilidades que queremos dialogar com vocês neste curso.

Cabe destaque, porque o contraste entre diferentes pode ser extremamente didático para a construção de um argumento, que a Família teve destaque nunca antes visto *na história deste país* no governo anterior, de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), no entanto a perspectiva foi

completamente oposta, o que revela que podemos falar da mesma coisa com conteúdo, sentido e intencionalidades radicalmente diferentes.

A frente da pasta do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Regina Alves, atuou pela valorização de uma família completamente descolada da realidade social, foi a representante mais fiel do processo em curso de desvalorização do mundo público em detrimento ao mundo privado, de desmonte de políticas públicas que sustentavam e davam sentido à perspectiva de proteção social como responsabilidade do Estado.

Conforme reportagem do Brasil de Fato, Damares Alves "em seu discurso de posse como ministra do governo Bolsonaro, em janeiro de 2019, anunciou que acabaria com a "doutrinação" de crianças e adolescentes, a "sexualização" e até um suposto estímulo à diversidade sexual nas escolas, teoria difundida como ideologia de gênero. Motes que permaneceram sob fogo alto durante os quase quatro anos à frente da pasta".

Entrou em curso uma visão conservadora sobre o papel da família, tida enquanto unidade genérica, que deve se responsabilizar por todo o trabalho reprodutivo (e de cuidado) na sociedade, bem como um processo bastante violento de despolitização da vida das mulheres, das questões de gênero, que invisibilizam o papel das mulheres e que atuam para ampliar ainda mais as expressões da desigualdade.

Dessa forma, tentando dar corpo e sentido para estas reflexões este curso está organizado a partir de 4 textos:

Texto 1 - O que é economia do cuidado?

A proposta deste texto é refletir sobre o cuidado e sua importância para a vida e relações nas diferentes sociedades e tempos históricos. Apresentar e debater a importância de uma abordagem interseccional sobre tempo, trabalho, trabalho reprodutivo e economia do cuidado.

Texto 2- Economia do cuidado e a vida cotidiana, reflexões sobre matricialidade familiar e a pandemia da Covid 19

A pandemia foi um evento de enormes repercussões na vida em sociedade e acabou por revelar algumas questões bastante importantes sobre os impactos no cotidiano e cuidado nas famílias e territórios, a perspectiva é que algumas destas dimensões sejam apresentadas e refletidas neste texto.



Texto 3 - Economia do cuidado e a vida nas cidades: reflexões sobre espaço, paisagens e território

Refletir sobre territorialidade e direito às cidades a partir do campo do cuidado e da economia do cuidado com ênfase sobre o cotidiano de famílias e indivíduos, bem como matricialidade sociofamiliar.

Texto 4 - Economia do cuidado e a política da assistência social

Apresentar e analisar sobre economia do cuidado e o campo das políticas sociais com recorte para o SUAS.

A partir destes textos objetivamos nos aproximar, ao menos iniciar a reflexão sobre: o cuidado como direito essencial para a vida das pessoas e da sociedade; o cuidado como trabalho - divisão sexual e racial do trabalho; as dimensões políticas do cuidado - políticas de cuidado X familismo; economia e o cuidado – economia do cuidado.

Mas afinal de contas **o que é cuidado?** De acordo com Renata Moreno (Sempreviva Organização Feminista-SOF) “o cuidado sustenta a vida, movimenta a economia e é trabalho”. Cuidado é uma palavra que está presente no nosso dia a dia e seu significado, assim como toda palavra cotidiana, vai depender do contexto em que é utilizada. Frases corriqueiras, como: “eu cuido de você”, “eu cuido da minha família”, “eu sou cuidadora de idosos”, “eu cuido das crianças da creche”, “eu cuido dos doentes”, “eu cuido da assistência social no meu município”, “eu cuido da minha casa”, etc, são em si atos, porque são promessas a serem cumpridas. Tendo em vista sua origem, seja no latim (coera) ou no inglês (care) ambas denotam o sentido de responsabilidade, dar assistência e curar, expressando em seus possíveis significados, diversos valores morais e culturais que foram construídos socialmente ao longo da história. Assim, podemos dizer que é comum na grande variedade do uso da palavra “cuidado”, a ideia de **responsabilidade** e **compromisso**, pois o cuidar vai sempre implicar lançar mão de algum desses dois elementos em algum momento (REGINO, 2016).

O dicionário da Educação Profissional em Saúde (2008) da Fundação Oswaldo Cruz, no verbete elaborado por Roseni Pinheiro, que é enfermeira, doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e professora do Instituto de Medicina Social (IMS/UERJ), nos apresenta uma definição bem simples e assertiva do cuidado.



Dicionário Educação Profissional em Saúde

Link: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/cuisau.html>).

Cuidado é um 'modo de fazer na vida cotidiana' que se caracteriza pela 'atenção', 'responsabilidade', 'zelo' e 'desvelo' 'com pessoas e coisas' em lugares e tempos distintos de sua realização. A importância da vida cotidiana na produção do 'cuidado' está na oferta de múltiplas questões específicas que circulam no espaço da vida social e nos conteúdos históricos que carregam (PINHEIRO, Roseni, 2008).

O cuidado, além de uma palavra cotidiana, representa um conceito fundamental para a vida humana ao longo da história, em diferentes culturas e organização social, onde os seres humanos convivem com as práticas do cuidado essenciais à sobrevivência e bem-estar dos indivíduos e da coletividade.

Desde os tempos da caça e de coleta de alimentos, o cuidado estava presente e se estabelecia nessas atividades cotidianas no espaço doméstico, e nas relações de confiança e responsabilidades, para que fosse possível garantir a sobrevivência do grupo e continuidade da espécie (a partir do trabalho reprodutivo, do cuidado com os/as filhos/filhas e pessoas idosas).



Descrição: Mafalda conversando com Susanita

O cuidado, com o advento da agricultura, com a produção de alimentos em grande escala e a domesticação de animais (estamos falando aqui de 10 mil anos atrás), passa a ter um lugar mais importante na sociedade e na vida humana, pois é necessário cuidar dos animais e das plantações e isso exigia, além de conhecimento técnico, habilidades manuais.

Nesse caso, os valores construídos em torno do “cuidado”, sempre o associaram a algo (ou “habilidade”) pertencente ao “mundo das mulheres”, à esfera do privado e da reprodução, à “natureza feminina”, pois a origem da prática de cuidar, desde a Grécia Antiga esteve restrita aos espaços familiares, com a gestão feminina do cuidado. Esfera essa mais desvalorizada se comparada à esfera pública, da produção, ocupada quase que exclusivamente pelos homens. Não que hoje isso seja diferente, mas, “a prática do cuidar” ao extrapolar os “muros” da esfera privada, passa a ocupar a esfera pública por meio de profissões que têm “o cuidado” como objeto/prática, levando consigo as mulheres. Nessas profissões, não coincidentemente, predominam em quantidade as mulheres, que continuam reproduzindo seus “saberes” da esfera privada em profissões “tidas” socialmente como femininas no âmbito público (REGINO, 2016, p. 62).

O cuidado deve ser compreendido de forma relacional e contextualizada, pois está imbuído de valores patriarcais, construídos e atribuídos socialmente ao chamado “mundo das mulheres”. Por ser uma atividade regida pelo gênero, como destaca Joan Tronto (1997) tanto no espaço privado como no público, são as mulheres que assumem a responsabilidade das atividades do cuidado, veladamente impostas pela sociedade.

Em sua obra “O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir, traz a importância do cuidado na construção da identidade feminina, argumentando que as mulheres são mantidas numa condição de subordinação na sociedade por serem identificados como responsáveis pelo cuidado dos outros, em especial dos filhos e dos maridos. Para a autora, essa identidade reduz a mulher a uma condição de objeto e impede de ser vista como um sujeito autônomo e livre para desenvolver seus potenciais e propõe uma crítica ao modelo patriarcal que impõe às mulheres a tarefa exclusiva de cuidado e defende a necessidade de uma transformação radical das relações sociais para que a igualdade de gênero seja alcançada. (Motta, Alda Britto da; Sardenberg, Cecilia, Gomes, Márcia. Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. 338 p. (Coleção Bahianas; 5).

Sobre isso, sugerimos como leitura o verbete “Cuidado” do Dicionário Feminino da Infância da Fiocruz, de autoria de Renato Macedo Filho, que reforça a necessidade de entender o cuidado a partir de uma reflexão crítica, em diferentes dimensões e na perspectiva de gênero, para romper com o “costume” de ver a vida pelas lentes dos homens, conforme destaca Carol Gilligan em seu livro a “Voz do Diferente”.



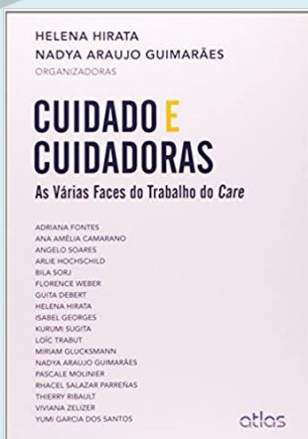
Ver dicionário no link:

<https://portal.fiocruz.br/livro/dicionario-feminino-da-infamia-acolhimento-e-diagnostico-de-mulheres-em-situacao-de-violencia>

Entende-se que o cuidado além de ser fundamental para a sustentabilidade da vida e para as relações sociais, ele movimenta uma economia do cuidado, pois é um tipo de trabalho necessário e que precisa ser realizado todos os dias, e envolve tanto o trabalho produtivo (aquele que produz bens e serviços) quanto o trabalho reprodutivo (aquele que cuida das pessoas e da manutenção da casa).

O trabalho de cuidado envolve muitas horas e tempo dedicado ao cuidado com a casa e com pessoas: dar banho e fazer comida, faxinar a casa, comprar os alimentos que serão consumidos, cuidar das roupas (lavar, estender e guardar), prevenir doenças com boa alimentação e higiene em casa e remediar quando alguém fica ou está doente, fazer café da manhã, almoço, lanches e jantar para os filhos, educar e segue por horas a fio. (<https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>)

No livro "Cuidado e Cuidadoras", organizado por Helena Hirata e Nadya Araujo Guimarães, é apresentada uma coletânea de textos que tratam da questão do cuidado na sociedade contemporânea, dando destaque para as relações de gênero e de classe social que envolvem o trabalho de cuidado (Care Work), configurado em atividades/categorias: trabalhadoras domésticas, diaristas, faxineiras, zeladoras, enfermeiras, babás, mães de aluguel, acompanhantes, cuidadoras domiciliares (de idosos, de pessoas com deficiências e de doentes), professoras, agentes comunitárias de saúde e agentes de proteção social, etc. São apresentadas várias dimensões do trabalho e da economia do cuidado, inclusive com experiências de outros países, com destaque por ser um tipo de atividade em plena expansão na economia de serviços em escala de fato uma economia do cuidado em contexto global.



Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do Trabalho do Care

Link: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/pt-br/livros/cuidado-e-cuidadoras-varias-faces-do-trabalho-do-care>

O trabalho do cuidado se entrelaça com as desigualdades de classe, gênero e raça, já que em sua maioria é realizado por mulheres negras e/ou pobres, que enfrentam as condições precárias de trabalho e os baixos salários. As desigualdades raciais, de gênero e de classe se expressam na organização do trabalho de cuidado, que reproduz relações sociais e exclusões (HIRATA, 2012).

Vale ressaltar que definiremos a “Economia do Cuidado” como um grupo de atividades econômicas relacionadas a alojamento, alimentação, saúde, educação, assistência social, serviços pessoais e serviços domésticos, que fazem parte das categorias utilizadas nas pesquisas oficiais brasileiras

(FERNANDES,

2022).



Fonte: BDF (2022)

A economia do cuidado na sociedade contemporânea, também conhecida como sociedade de consumo, de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, vem revelando novas formas de trabalho do cuidado. As tecnologias digitais tornam-se grandes aliadas na produção do cuidado, que continua sendo realizado principalmente por mulheres, com novos formatos e exigências, mas com o mesmo nível de precarização.

Um exemplo é uso das plataformas digitais por mulheres para realizar atividades do cuidado à distância (cuidados com idosos ou crianças), e que frequentemente não são reconhecidas como trabalho e não recebem uma remuneração para isso. Segundo o IBGE, o número de familiares que se dedicavam aos cuidados de idosos/as passou de 3,7 milhões para 5,1 milhões entre 2016 e 2019 (IBGE, 2020), trabalho desempenhado em sua maioria por mulheres e que aumenta devido o envelhecimento ascendente da população brasileira.



Conheça primeira plataforma digital dedicada ao cuidador familiar

© 28 de maio de 2018  alzheimer, aplicativo, APP, Saúde  alzheimer, aplicativo, APP, cuidador, idoso, plug and care, saúde

Disponível em:

<https://ederepente50.com/2018/05/28/conheca-primeira-plataforma-digital-dedicada-ao-cuidador-familiar/>

As tecnologias digitais têm permitido que muitas atividades de cuidado possam ser realizadas a distância, mas isso também pode fortalecer a invisibilidade dessas atividades e a exploração das trabalhadoras. Podemos citar outro exemplo, as trabalhadoras em *call centers* que dão suporte técnico e de orientação, acabam realizando um trabalho de cuidado, desvalorizado e mal remunerado, mesmo sendo fundamental para o funcionamento das empresas.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, o cuidado também se reconfigura e ganha um corpo mais sofisticado e especializado. O cuidado que se transforma em objeto de estudo no campo da saúde, com foco nos processos de trabalho em saúde e da produção do cuidado, visando relacionar a importância do ato do cuidado na garantia do bem-estar e qualidade de vida de usuários/as, são agora mediados cada vez mais por tecnologias do cuidado, que podem promover diagnósticos promissores, realizar bons tratamentos e auxiliar com sucesso na prevenção de doenças. Entretanto, torna-se importante ponderar duas questões no contexto do

cuidado em saúde “virtual”, “digital”, mediado por tecnologias: a ameaça à integralidade do cuidado e a equidade em saúde, principalmente para as mulheres, já que são elas que historicamente “cuidam” mais da saúde se comparado aos homens, como podemos ver abaixo.



Fonte: UFMG (2021).



Fonte: Revista Mudanças – Psicologia da Saúde (2017)

A produção do cuidado mediada pela telemedicina ou inteligência artificial, pode intensificar a falta do contato humano entre profissional da saúde e usuário/a, a perda de empatia no processo de cuidado, a impessoalidade e a distância e, sobretudo, ampliar a exclusão de pessoas que não conseguem ter acesso a esses tipos de cuidados em saúde, tornando-os inacessíveis para uma parcela significativa da população. Ao mesmo tempo é preciso se atentar para a redução do ato do cuidado em práticas sem conexão humana com hipervalorização de dados e informações.

Entre as diversas configurações que a economia do cuidado nos apresenta na sociedade contemporânea, e que nos parece ainda “escondido”, é o Programa de Intercâmbio chamado “Au Pair” (termo em francês que significa “ao par”, ou “igual”), que reforça estereótipos de gênero ao associar às mulheres à atividade de cuidado e tem um grande recorte de classe.

De acordo com o site da agência *Student Travel Bureau*, Au Pair é um programa remunerado de trabalho, estudo e intercâmbio cultural nos EUA, com duração mínima de um ano, em que as jovens, entre 18 e 23 anos, fluentes em inglês, poderão vivenciar e participar ativamente do cotidiano americano (Estados Unidos), cuidando de crianças (alimentação, higiene e brincadeiras). É um programa regulamentado pelo governo norte-americano e ofertado apenas às candidatas do sexo feminino, justificando que as vagas são preenchidas de forma mais rápida e as famílias americanas sentem-se mais confortáveis em receber “meninas”, que passam a morar na casa de uma família americana, participando das rotinas e atividades domésticas.

(Ver vídeo: Start Your Au Pair Adventure!)

Alguns estudos brasileiros, como o de Samira Dantas (2021), mostram que este tipo de Programa, travestido de intercâmbio cultural, mas se parece na prática com a “importação de mães substitutas”, “importação de trabalho doméstico e de cuidado precarizado”, para solucionar um problema do déficit de oferta de serviços nos EUA voltados aos cuidados infantis. Várias jovens brasileiras acabam compondo a ausência de mão-de-obra de cuidado com as crianças nesse país, marcada pela depreciação do trabalho doméstico e dos direitos humanos, perpetuando discursos e práticas/discursos sexistas e capitalistas, não existindo reconhecimento para esse tipo de trabalho do cuidado.

O trabalho do cuidado é uma atividade fundamental para a manutenção da vida e das relações sociais, mas que, ao mesmo tempo, é invisibilizado e desvalorizado na sociedade. Essa desvalorização se reflete na falta de reconhecimento do trabalho de cuidado como uma atividade produtiva e no baixo nível de remuneração das cuidadoras, que muitas vezes atua sem vínculos e sem direitos trabalhistas e previdenciários, um exemplo é o trabalho doméstico em que as mulheres trabalhadoras domésticas muitas vezes não têm contratos formais, são mal remuneradas e não têm acesso a seguro de saúde ou aposentadoria.

Outra questão é que muitas mulheres, principalmente as pretas e mais pobres, enfrentam desafios no acesso a serviços de cuidado de qualidade, como creche, escola infantil, que sejam de qualidade para as crianças e acessíveis às mulheres. Esses desafios podem ser agravados em tempos difíceis, como foi o caso da pandemia da COVID-19. Uma emergência de saúde pública mundial, que agravou as más condições sociais e limitou ainda mais os tipos de trabalho que as mulheres poderiam realizar, intensificando a desigualdade de gênero no mundo de trabalho.



Fonte: Radis – Disponível em:
<https://radis.ensp.fiocruz.br/site-novo/servico/livro/trabalho-domestico/>

DICA DE LEITURA

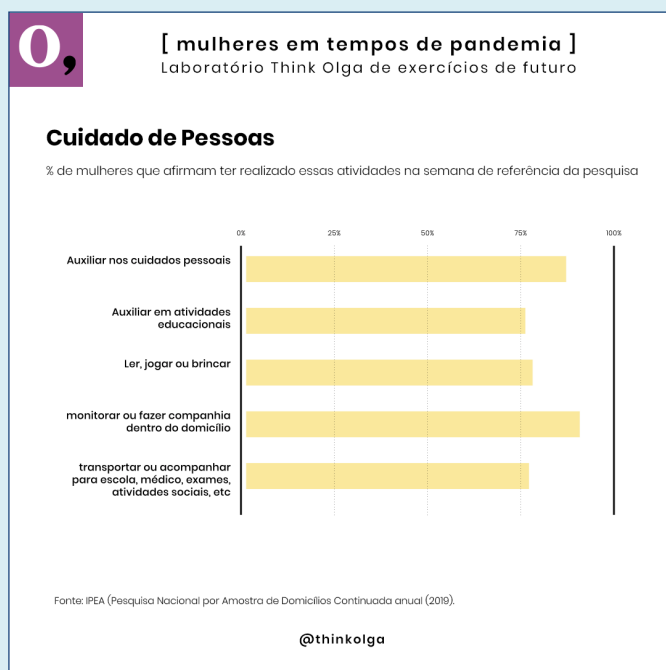
Um conjunto de alternativas para ampliar direitos de trabalhadoras domésticas e cuidadoras no Brasil está reunido no livro

Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil (Ipea/OIT)

Organizado por Luana Pinheiro e Carolina Tokarski, do Ipea, e Anne Caroline Posthuma, da OIT, a obra apresenta a trajetória, as tendências e as realidades das duas categorias profissionais, marcadas pela forte presença feminina no Brasil.

O livro pode ser acessado no link: <https://bit.ly/3wNawzU>.

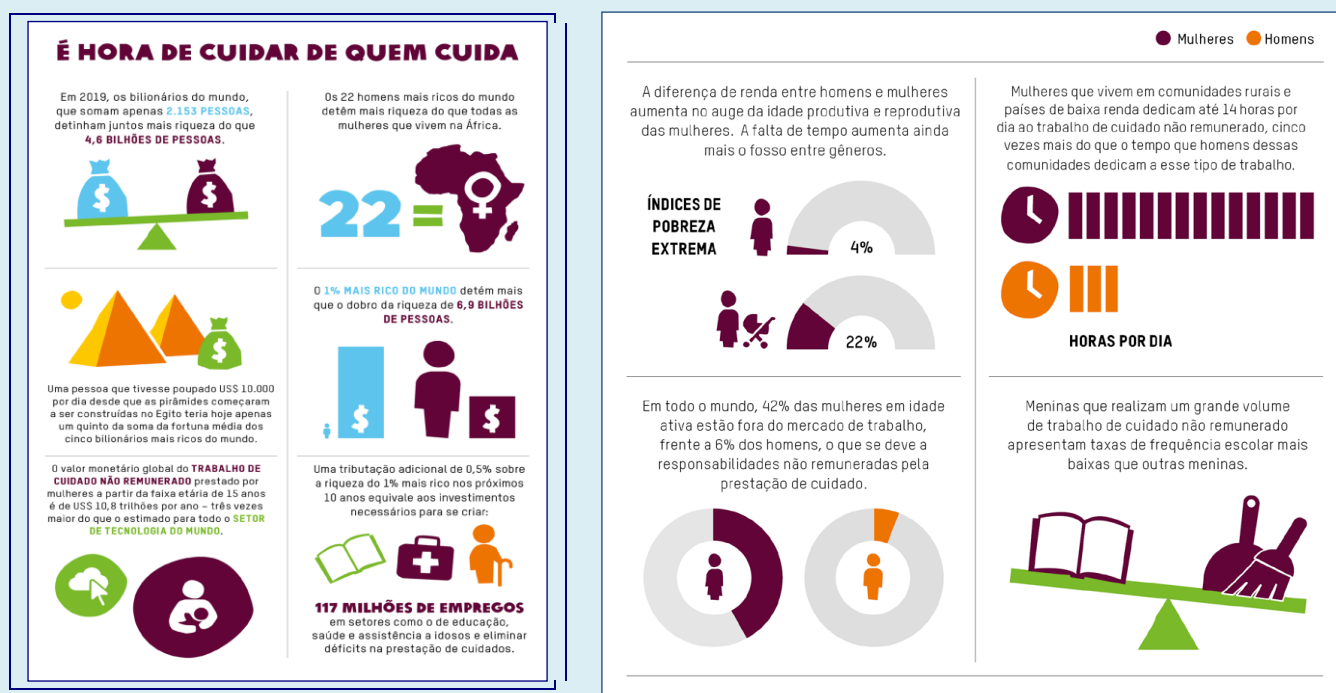
O gráfico a seguir, disponível no site do Lab Think Olga (<https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>), mostra os tipos de atividades realizadas pelas mulheres durante a pandemia do coronavírus no Brasil, no cuidado de pessoas (Fonte: IPEA 2019).



Fonte: Lab Think Olga - 2019

O Relatório “Tempo de Cuidar” da OXFAM de 2020, confirma e destaca que o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade estão diretamente relacionados. Isso tem como base um sistema econômico sexista e falho, que valoriza a riqueza de um grupo de poucos privilegiados (homens, na sua maioria), do que bilhões de horas dedicadas ao trabalho mais essencial – o do cuidado não remunerado e mal pago, prestado principalmente por mulheres e meninas em todo o mundo.

As tarefas diárias de cuidar de outras pessoas, cozinhar, limpar, buscar água e lenha são essenciais para o bem-estar de sociedades, comunidades e para o funcionamento da economia. A pesada e desigual responsabilidade do trabalho do cuidado perpetuam as desigualdades de gênero e econômica, conforme aponta o Relatório (imagens abaixo), independente da configuração que o trabalho/economia do cuidado se apresente.



Fonte: Relatório Tempo de Cuidar (OXFAM – 2020).

A partir das diversas configurações sociais do cuidado, que evidencia a importância de uma abordagem interseccional que leve em conta as dimensões de gênero, classe social e raça/etnia, é

possível compreender as desigualdades que permeiam o trabalho de cuidado e as lutas por políticas públicas que valorizam e reconheçam a importância dessa atividade para a vida e as relações sociais.

Nesse caso, o cuidado percebido enquanto valor universal para a promoção da saúde e do bem-estar, sendo necessário valorizar e remunerar àquelas que realizam esse trabalho. No início desse ano, tivemos a regulamentação de duas profissões que tem como foco principal o cuidado e a prevenção da saúde. “Depois de quase quatro anos tramitando entre Câmara dos Deputados e Senado, foi sancionada pelo presidente Lula, no dia 20 de janeiro de 2023, a Lei 14.536, que regulamenta o trabalho de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e de Agentes de Combate às Endemias (ACE) como profissionais de saúde” (FARIAS, 2023).

Numa reportagem da Revista Radis, intitulada “Cuidado em Domicílio”, anterior a essa conquista temos o depoimento comovente de uma ACS:

A agilidade da agente comunitária de saúde aliada ao senso coletivo fizeram com que a doença fosse tratada e logo debelada do território. Se quando prestou o concurso Hayla não sabia exatamente o que fazia um ACS (sigla pela qual a categoria é conhecida dentro e fora do Sistema Único de Saúde), hoje ela não tem dúvidas. “Não somos atores coadjuvantes da saúde pública, somos fundamentais. Durante as visitas domiciliares, atuamos para garantir todo o cuidado e a atenção que a nossa comunidade merece. Nosso trabalho preventivo vale muito”, afirma, defendendo que “a melhor coisa da vida” é ser agente comunitária de saúde. “Vivo por minha comunidade e é para ela que eu quero todas as melhorias”.

Fonte: Revista Radis – Setembro de 2019 – Disponível em:

<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/cuidado-em-domicilio#access-content>

A economia do cuidado continua a ser uma questão fundamental para a reprodução da vida e das relações sociais, para o aprendizado e para a socialização, para a construção da identidade e da subjetividade e deve ser valorizada e reconhecida como trabalho essencial (IPEA, 2016). É preciso mudanças culturais e estruturais para garantir que as trabalhadoras da economia do cuidado sejam tratadas com justiça e dignidade, e que o cuidado seja visto como uma tarefa coletiva e compartilhada, não apenas responsabilidade individual das mulheres.

As considerações finais do texto 1 apontam para a necessidade de...

- “Avançar nas reflexões sobre como esse sistema de organização dos cuidados limita as possibilidades de participação social das mulheres e estrutura diversos aspectos da sociedade brasileira. tais reflexões tornam-se ainda mais relevantes em um contexto social e demográfico que indica, entre outras coisas, um envelhecimento significativo da população brasileira – ampliando-se a demanda por cuidados para a população idosa – e de redução do trabalho doméstico remunerado” (IPEA, 2016).
- Integrar a economia do cuidado a partir de práticas emancipatórias de cuidado com foco na transformação social às questões ambientais e de sustentabilidade. O trabalho de cuidado deve ser reconhecido enquanto direito e suas práticas cotidianas devem ser exercidas com dignidade. Não tem como desvincular o trabalho do cuidado realizado pelas mulheres, das condições dignas e dos direitos constitucionais que são macrodeterminantes para a realização de políticas públicas, como acesso à água em quantidade e qualidade, esgotamento sanitário, tratamento de resíduos, drenagem das chuvas, saneamento ambiental, moradia de qualidade, infraestrutura de transporte, acesso à creches, escolas, serviços de saúde, etc. Numa perspectiva mais holística do cuidado e integrada ao meio ambiente e tudo/todos que o compõe, é condição essencial para a prevenção e promoção do cuidado.
- Por fim, o quadro real de aumento das desigualdades de gênero, raça e classe social e da precarização das condições de trabalho do cuidado, com maior exposição a condições desgastantes na rotina de cuidados foram intensificadas com a pandemia da Covid-19 (conforme dados do relatório CUIDA COVID da FIOCRUZ - 2021) e no contexto da sociedade de consumo com o avanço das tecnologias digitais é urgente ampliar e fortalecer as políticas públicas voltadas para as trabalhadoras do cuidado em seus diferentes contextos, dimensões e configurações.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. Patriarcado. In : FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth (Org.). **Dicionário Feminino da infâmia**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Oswaldo Cruz, 2015.

DANTAS, Samira. **AU PAIR PROGRAM: Intercâmbio cultural ou importação de mães substitutas**. Brasília: UNB, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32844/1/2021_SamiraRodriguesDantas_tcc.pdf. Acesso em: 02 de abril de 2023.

FARIAS, Erika. **Sancionada lei que regulamenta o trabalho de ACS e ACE como profissionais de saúde**. Rio de Janeiro, EPSJV/Fiocruz, 27, janeiro, 2023.

MIRKHAN, Alex. **Família, costumes, uso da fé, bolsonarismo "ortodoxo": o que esperar de Damares Alves no Senado**. Brasil de Fato, Brasília, 9, Outubro, 2022. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/09/familia-costumes-uso-da-fe-bolsonarismo-ortodoxo-o-que-esperar-de-damares-alves-no-senado>. Acesso em: abril de 2023.

FERNANDES, Claudia Monteiro. Precisamos falar sobre a economia do cuidado nas metrópoles brasileiras. Brasil de Fato, Brasília, 7 de julho de 2022. [Reforma Urbana e Direito à Cidade nas Metrópoles](https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/precisamos-falar-sobre-a-economia-do-cuidado-nas-metropoles-brasileiras#:~:text=Chamaremos%20aqui%20de%20%E2%80%9CEconomia%20do,utilizadas%20nas%20pequisas%20oficiais%20brasileiras). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/precisamos-falar-sobre-a-economia-do-cuidado-nas-metropoles-brasileiras#:~:text=Chamaremos%20aqui%20de%20%E2%80%9CEconomia%20do,utilizadas%20nas%20pequisas%20oficiais%20brasileiras>. Acesso em: abril de 2023.

BOTTON, Andressa; CÚNICO, Sabrina Daiana; STREY, Marlene Neves. **Diferenças de gênero no acesso aos serviços de saúde: problematizações necessárias**. Revista Mudanças - Psicologia da Saúde, São Paulo, Vol. 25 (1), Jan.-Jun. 2017.

REGINO, Fabiane Alves. **O desejo de ter filhos e a construção de gênero nas políticas de saúde: análise da Política Nacional de Atenção Integral em Reprodução Humana Assistida**. Recife: 2016. 220 p.

TRONTO, Joan. **Mulheres e Cuidados**. In: JAGGAR, A. M. et. Al. Gênero, Corpo e Conhecimento. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araújo (Org.). **Cuidado e cuidadoras: as novas faces do trabalho do care**. São Paulo: Ed. Atlas, 2012, 248 p.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Relatório de Pesquisa Economia dos Cuidados. Brasília: Ipea; IBGE, 2016.

GROISMAN, Daniel; Romero, Dalia; ANDRADE, Zelia Pimentel; ARAUJO, Anna Barbara; ARAUJO, Giulia de Castro Lopes; BARROS, Heglaucio; BERNARDO, Maria Helena de Jesus; CAVALETTI, Ana Carolina Lima; DAMACENA, Giseli Nogueira; PASSOS, Rachel Gouveia; SANTOS, Ana Gilda Soares; SOUZA JÚNIOR, Paulo Roberto Borges; TRAVASSOS, Ronaldo. **Cuida-Covid: Pesquisa nacional sobre as condições de trabalho e saúde das pessoas cuidadoras de idosos na pandemia – Principais resultados**. Rio de Janeiro: EPSJV/ICICT/Fiocruz, 2021.